ANO 1.º LISBOA — TERÇA-FEIRA, 25 DE OUTUBRO DE 1921 n.º 172

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

—Foi este o ultimo movimento revolucionario?—preguntou-nos um homem que sempre serviu a Republica com desinteresse.

Não hesitamos em responder-lhe: —Sim, o ultimo.—Acreditamos que nenhum politico pensará mais em perturbar a vida do paiz, desarrumada como uma loja de adelo. As ambições que se satisfaçam com as armas que exige a democracia—a discussão, o estudo, o trabalho, o respeito á lei e o culto nobilitante dos principios. Quem fôr inteligente, empregue a sua competencia em coisas uteis. O governo que governe a serio, reparando os velhos males de que sofremos. Os demagogos que recolham a retorica em sitio seguro e que vivam dela e com ela como os morcegos.

Não destruamos o que os nossos avós nos legaram.

***

Varias vezes nos referimos já á perfeita inconsciencia com que, entre nós, se tratam assuntos de que, noutros paises, só se ocupam os entendidos. Os problemas mais intrincados versam-nos alguns individuos cuja ignorancia é mais que notoria. Mas como a ignorancia é, sobretudo, imprudente, natural é que afirme muitas enormidades. Todos nós nos lembramos do modo como têm sido apresentadas ao publico certas questões economicas e financeiras, em capitulos incendiarios que pareciam querer abrazar o paiz numa fornalha de odios.

***

Está gravemente enfermo o sr. dr. Julio Martins. O *Diario de Lisboa* deseja sinceramente as suas melhoras.

***

Alves Martins, que foi redactor do *Diario de Lisboa*, onde só conserva amigos, publicou o seu primeiro volume de versos—*Anunciação*. A edição elegantissima. Não exageramos, se dissermos que Alves Martins sobresai entre os jovens da sua geração como uma autentica vocação de poeta.

***

Os jornais estrangeiros, chegados ontem e hoje a Lisboa, ocupam-se já de nós, desfigurando-nos. Não estranhamos. Pior é que presentemente sejam portuguezes quem dê azo a isso.

***

Encontramos, pouco antes de formar governo, o dr. Antonio Granjo, na Avenida Antonio Augusto de Aguiar.

—Sempre é certo que vai suceder ao sr. Barros Queiroz, como por ahi se propala?

—Não sei nada, por emquanto. Mas visto falar a um jornalista, acredite que faço um verdadeiro sacrificio. Conheço a nossa situação financeira que não é de molde a tolerar ilusões. Cedo simplesmente á dureza das circunstancias que me forçam a dar um passo para a frente, quando eu necessito de muito socego.

***

Monta a 250 biliões de francos a divida da França, interna e externa. Representa uma montanha de oiro. Quem a pagará? O povo francês que trabalha e sofre os impostos. A gloria das nações é um tributo de sangue e lagrimas.

A CENSURA

O «Diario de Lisboa», bem como toda a imprensa da capital, encontra-se, desde hoje, sujeito á censura. E' uma situação anormal, que cremos não se prolongará, porque a opinião segue de perto a voz livre dos jornais, necessitando deles como dum alimento.

Como vivemos numa epoca de sacrificios, tomemos de bom animo a dureza das circunstancias. O «Diario de Lisboa», que não se fundou para suscitar discordias, que sempre reputou desnecessarias á resolução dos problemas da nossa crise, procurará manter-se, como sempre, dentro das linhas do seu programa essencialmente nacionalista.

Visto que o governo, detentor da fôrça que se faz respeitar, necessita, para cumprir a sua dificil missão, de impôr a sua mão de ferro á imprensa, nós, apesar de habituados á disciplina severa da nossa consciencia, que, todas as vezes que erra, se castiga a si propria, não queremos assumir outra atitude senão a de quem sofre em silencio uma situação amarga.

O «Diario de Lisboa», não obstante os inolvidaveis lutos que ensombram a imagem sofredora da Patria, se não prega a revolta, tambem não aconselha o desanimo, o desolado pessimismo dos que se fecham na solidão e clamam lugubremente: — «Tudo está perdido...»

Durante os ultimos dias esforçámo-nos por restabelecer a serenidade em muitos animos inteiramente transtornados. Os boatos, as noticias confusas, as falsidades, as invenções mais estupendas, os relatos bem tendenciosos chegavam até nós a cada hora, a cada minuto...

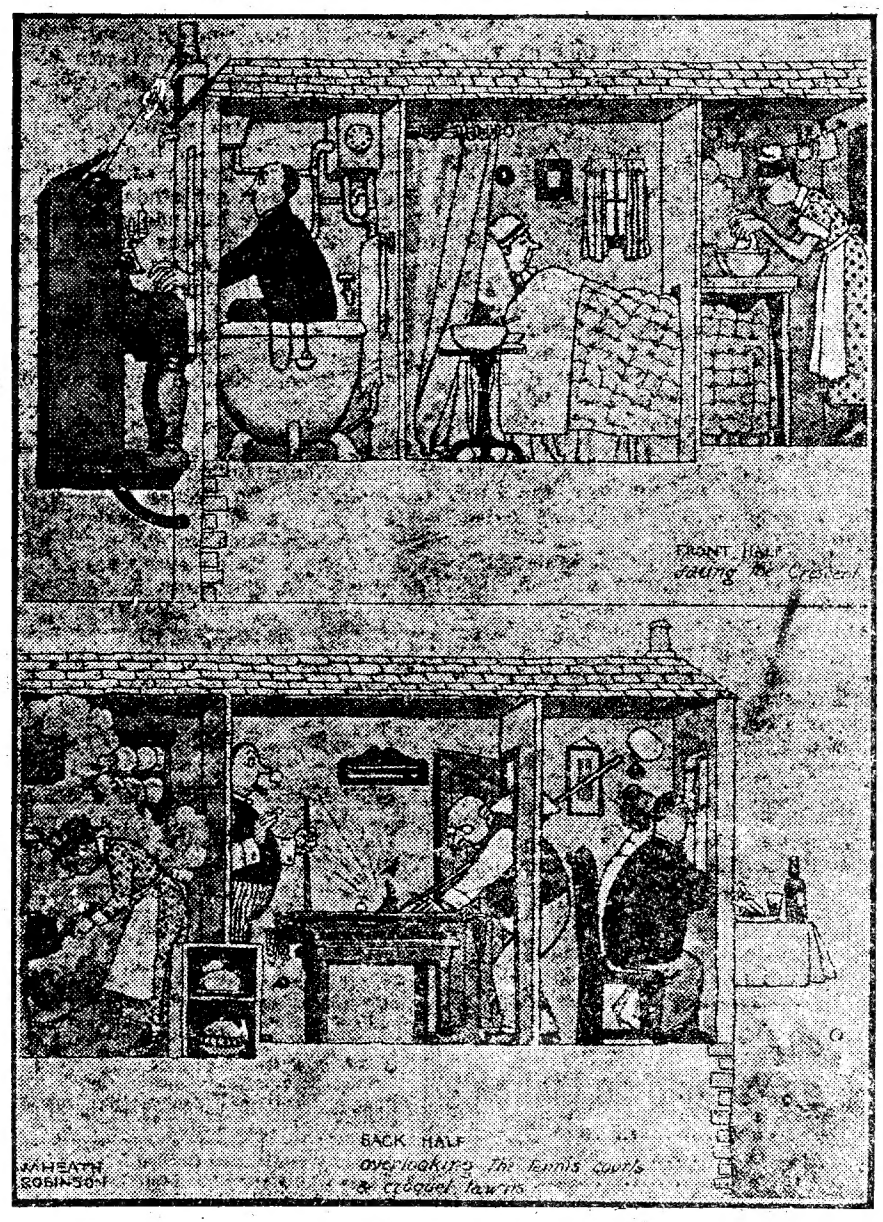
Que faziam os redactores do «Diario de Lisboa»?

Ou os repeliam logo, se viam claramente o mau espirito insidioso que os lançava, ou corriam, quase exaustos de fôrças, por toda a cidade, a fim de poderem certificar-se da sua veracidade. Sem sombra de lisonja, orgulhamo-nos de ter contribuido para contrarestar certos movimentos de panico que se esboçaram na população.

Os nossos colegas não procederam de maneira diferente. A imprensa de Lisboa, se uma ou outra vez não poude completar as suas informações, deve isso atribuir-se á impossibilidade de vencer tantissimos obstaculos que encontrou no seu caminho. Mas o seu grande empenho foi apresentar a verdade aos seus leitores, velando-a algumas vezes, para que se não dissesse que tambem ela se conjurava para dificultar a pacificação das ruas.

Agora, vem a censura para a morigerar! O «Diario de Lisboa», que pensou em suspender a sua publicação até que ela durasse, cedeu a razões mais altas. Só nos resta fazer votos, para que ela seja de pouca duração, porque a liberdade é a vida do povo.

A CONQUISTA DO ESPAÇO



nos domicilios acanhados

Esta manhã fez frio. Dia adeante, o sol mal conseguiu ser morno. Uma brisa irritante fustigou o rosto do lisboeta, enfrieirou-lhe as orelhas. As nossas lindas mulheres apareceram nas ruas ostentando peles caras, casacos, abafos, demonstrando visivelmente a necessidade de começarem a cobrir-se. Foi-se o verão—esse verão dos vestidos hipoteticos, da semi-nudez provocadora. Fez hoje frio e por isso mesme houve muitos encantos que se eclipsaram até ao ano. Bate-nos á porta, não tarda nada, o inverno—um inverno duplo de frio no corpo e de frio no coração.

***

Do deputado sr. Sousa Varela recebemos um telegrama em que nos comunica abandonar desde já o partido liberal.

***

Lisboa, com as suas longas subidas e o desgraçado piso das suas ruas, é um inferno para os animais de tracção. Diane das janelas da nossa redacção, quasi diariamente temos o espectaculo doloroso das carroças que as muares não conseguem arrastar atrás de si, senão a poder de pragas, chicotadas e ajudas de populares condoidos.

***

Não foi do *destroyer Vouga* que partiu o primeiro tiro para a revolução, porque estava sem armamento.

***

O sr. Alfredo da Silva tem tido, em torno de si, em Leiria, muitas dedicações vigilantes. Um revolucionario que Lisboa inteira conhece, tendo nestes dias sombrios, salvado ou ajudado a salvar a vida a algumas pessoas, correu lá a por-se a seu lado E convem que se saiba que os seus passos não foram desnecessarios.

***

Continúa a afirmar-se que a reacção clerical estende as garras por todo o país. Há maneiras de perverter a opinião que até mesmo os que disso vivem deviam pôr de parte. Esta é uma delas.

***

Maurice Magre, o ilustre poeta dramatico francês, autor de *La Mort Enchainée*, faz representar, no teatro «Foemina», um novo poema intitulado *Sin* que evoca a China e o misterio encantado do amor que as suas maravilhosas decorações e panoramas revestem de delicadas côres.

***

Não nos cançaremos de acentuar que toda a oficialidade da nossa marinha de guerra protesta indignada contra os atrocidades do Arsenal.

***

A Lua ultimamente tem sido explorada pelos observatorios astronomicos. Houve já quem afirmasse existirem lá paisagens dum verde riquissimo. Não faltou tambem quem desmentisse isto. Selenitas parece não existir um só. Os telescopios procuram-nos com cuidado, mas nem vestigios. Está, porém, bem assente que a lua anda um pouco fóra da sua orbita e um pouco á frente da posição que devia ocupar dentro dela. Que pensar desta descoberta? Talvez o astro saudoso, desde o *Noivado do Sepulcro*, ralado de desgostos e com muitos romantismos, começasse a beber-lhe. Doutra maneira não se compreende a sua atitude, perante a sciencia.

MAGAZINE

Através da Siberia

Nos caminhos de ferro que atravessam grandes planicies desertas, como ostrans-siberiano e os da America, é frequente darem-se assaltos de bandos armados que pilham as bagagens e mercadorias e são altamente perigosos para a propria vida dos passageiros.

Para evitar esses assaltos è costume pôr nos comboios forças armadas; alguns dos soldados são colocados na frente da locomotiva, que para esse fim tem em volta uma especie de varanda.

Os soldados que agora são empregados nesse serviço são chineses.

Onde nasceu Colombo?

E' conhecido de todos e por todos aceite um dado facto historico. Ninguem pensa em o discutir. E' verdadeiro.

Um belo dia aparece um curioso, remexe nos arquivos de papeis velhos ou das suas ideias, começa a pensar, a pensar, morre a pensar como o burro da fabula e deixa como herança uma discussão interminavel entre os outros amadores de velharias, que os outros seguem com a atenção necessaria para se não maçarem e dela tirarem o melhor resultado.

Assim aconteceu com Colombo. Era genovês. Ainda hoje se ensina assim aos meninos da escola.

Ai temos, porém, agora todos os historiadores discutindo a origem do grande navegador, cada qual apontando as causas que podem dar-lhe a propria nacionalidade. (E' natural este orgulho).

Os italianos defendem a tradição, os espanhois dizem que ele sempre falou espanhol, os franceses até lhe descobriram a casa onde nasceu, na Corsega. Os portugueses dizem que, se ele falava espanhol, era porque nesse tempo se falava correctamente em espanhol e todos os escritores portugueses escreveram em espanhol. E apontam os numerosos logares baptisados com os nomes portugueses, e dão uma uma interpretação portuguesa bastante admissivel á enigmatica assinatura do grande navegador.

E' inutil discutir mais senhores, ou antes deixai que as provas definitivas apareçam. Colombo, genovês, era um caso esporadico entre os grandes navegadores de então, os maiores de todo o sempre. Colombo, se a tradição falha, é português, decerto. Ainda estamos sofrendo do esfalfamento resultante do esforço herculeo com o qual—um milhão de homens!—demos ao mundo de muitos milhões de homens, novos mundos e abrimos á humanidade as portas da civilisação.

Não se pode dizer que não pagámos tributo a Santa Gloria.

O movimento da Lua

Aqui está um caso estranho e digno de memoria! Quem havia de dizer que até as previsões scientificas haviam de falhar? Porque é certo que até agora, desde que foi reconhecida a veracidade do moderno sistema solar, nunca se havia verificado uma faltas nas previsões astronomicas.

Diz o «Daily Mail» que o ultimo eclipse da Lua não permitiu verificar se ela é habitada, mas deu lugar a observações muito mais surpreendentes, visto a sua hipotese nunca se aventára sequer.

Provou não só que a Lua está fôra da sua orbita, mas que tem um movimento muito mais acelerado do que o que lhe era dado.

Este fenomeno, extraordinario, pois até hoje o lugar e o movimento dos astros era marcado com uma precisão infalivel, é tão importante que é necessario corrigir os almanaques astronomicos para 1923.

O desvio da Lua sobre a posição prevista é de mais de 12º, é uma grande diferença em astronomia.

O dr. Cromwelle construiu um quadro onde prova que a Lua começou a sair do caminho traçado ha trinta anos. Nos primeiros anos a aceleração foi pequena e foi sendo prevista; a aceleração de agora porém é muito maior, e a posição da Lua está ainda indeterminada.

Quais as razões que tiveram influencia na marcha da Lua? Eis o que se não sabe ainda e que os sabios não deixarão de procurar descobrir.

Um gaz novo

Na região de Bresse, em França, estão sendo sondados, no intuito de se descobrirem, jazigos de petroleo. Estas explorações levaram á descoberta de gazes de grande utilidade.

Ha pouco, a sonda atingiu um logar produtor dum gaz saturado de carboretos, cuja libertação é avaliada em muitos milhares de metros cubicos por minuto, com um poder calorifico e iluminante duplo do gaz extraído da hulha. A analise destes gazes demonstrou a sua analogia com aqueles cuja emissão precedeu a descoberta dos jazigos de pretroleo na Romenia.

Ainda que a descoberta dos jazigos de petroleo não se lhe seguisse á dos gazes, o aproveitamento destes não deixa de ser uma riqueza importante.

Preços de assinatura do "Diario de Lisboa"

3 meses..... .... 9$00
6 » ..... 18$00
12 » ..... 36$00

Para as colonias e estrangeiro acresce o porte do correio

Pedidos á administração: Rua Luz Soriano, 48

ASSUNTO INTERESSANTE

A CONDUÇÃO DE AUTOMOVEIS

Os exames para "chauffeurs" amadores são demasiado faceis

De quando em quando os jornais noticiam desastres produzidos pelos choques de automoveis, pela falta de cuidado ou ausencia de aviso, de que resultam vitimas, e estas tanto partem das descuidadas pessoas que transitam pelas ruas ou das não menos descuidadas que o auto causador do desastre, levava dentro.

Inesperiencias de volante num caso, inconsciencia do perigo, noutro!

Esfalfa-se a imprensa em verberar o procedimento dos «chauffeurs» que em longas correrias atravessam as ruas da cidade, a chamar a atenção das autoridades, a quem de direito, para coibir desmandos e até já se fizeram correr litros de tinta para regular a forma de aviso de que os autos sejam munidos.

Como nada se realisa improdutivamente, embora ás vezes pareça o contrario, de esperar é, que uma e outra coisa concorra para limar certas asperezas e no conjunto dê resultados.

Oxalá!

Que uma grande parte de condutores carece de sangue frio, golpe de vista, consciencia no perigo e outros factores bem precisos para quem assume a tremenda responsabilidade de guiar um automovel, não é preciso afirma lo, porque dia a dia se palpa e os seus reflexos estão patentes na resenha diaria de factos com passagem nos hospitais e na morgue.

Que os exames para amadores—proprietarios de automoveis—são faceis em demasia e precisavam revestidos dum aperto de malhas, que desse aos examinados a noção do acto que desejam praticar, tambem a mesma resenha justifica, pois por esse Portugal alem, contam-se por centenas os desastres, em que varias vidas terminam.

Uma e outra coisa numa epoca em que o desenvolvimento automobilista assumiu enormissima proporção, impõe aos que legislam, um estudo mais cuidadoso e quiçá, o refundir regulamentos que estão em briga com o que aponto e com o maior incremento que a luta da vida assumiu, depois da guerra.

E' preciso mesmo olhar para tal com *olhos de ver*, porque não raro se encontram condutores a quem falham requesitos para mister tão delicado, mesmo para uso particular, que creio, não é missão que só por si afaste as probabilidades perigosas que o acto comsigo acarreta.

O amador ou o profissional têm que possuir da mesma maneira avultada dose de sangue frio, uma instantanea visão para medir distancias, serenidade absoluta perante todos os perigos e o conhecimento do carro que conduzem.

A inconsciencia, só um dia afastada quando o irremediavel bate á porta, deve banir-se por completo das qualidades a impôr aquele, de qualquer das categorias apontadas, que requeiram o respectivo exame.

Não basta que o sub-delegado de saude ateste que o requerente A vê bem.

Não basta!

Ver bem é uma qualidade boa, mas está longe de ser a precisa.

Ver a tempo, olhar para ver no instante supremo que o relampago apresenta, saber calcular quasi repentinamente o que é necessario fazer para que o auto que conduzimos não cause a terceiros aqueles desgostos que nós proprios desejariamos que não nos dessem, são elementos tão importantes que quasi classificarei dos maiores, e sobre os quais deverá incidir calculada e rigorosamente a observação do examinador, para aprovar um concorrente.

Para tal nunca será demasiado chamar a atenção de quem o tiver por mister, e acaba-se com a afirmativa menos airosa para os examinadores, de que, sobretudo os amadores, adquirem a sua carta por mera formalidade.

Mas assim como é de justiça apontar estes erros que conhecemos e palpamos numa já larga aprendizagem—manejo o volante há bons quinze anos—tambem o é dizendo ao publico que a sua indiferença ao calcurriar estradas, produziu e produz uma enorme soma de desastres, em que a vitima é muitas vezes a principal culpada.

Desinteressando-se absolutamente pelos cuidados que lhe impõe uma cidade movimentada como Lisboa bastas vezes, quasi diariamente, topamos nas ruas da cidade, com indiferenças de tal maneira ao perigo e ás responsabilidades para quem vai guiando, que mais parecem eivadas do desejo de suicidio, que do atrazo propositado do conhecimento do que sejam as velocidades adquiridas.

Quem guia tem quotidianamente de salvar-se e salvar essa quantidade de herois indiferentes, que fazem gala em mostrar o seu despreso, atravessando as ruas no preciso momento, em que lhe era imposto o dever de desejarem a outrem o que para si querem.

E muitos desastres são inevitaveis, porque se congregam os dois males que aponto: falta de visão de quem guia, despreso absoluto de quem passa.

A policia, esta nossa policia infeliz, joguete nas mãos dos politicos nefandos da nossa terra, bem digna de que lhe pagassem melhor, com a correspondente obrigação de se bagagarem com conhecimentos correntios das leis, dos regulamentos, dos deveres de solidariedade que se impõe entre povos conscientes, a policia ia affirmando, não pode intervir porque a sua eficacia seria nula, por a sua competencia ser ainda menor.

E é de desolar, olhando para o sem numero de conflitos que o bom senso mataria á nascença, se ela fosse um corpo de *elite*, com homens educados, conscientes e bem pagos.

E quasi perdemos a esperança que no nosso tempo esse avanço civilisador seja facto. Se ela convem assim aos dirigentes!!!

Compreendidos pelo nosso publico, pelo publico das grandes cidades, o perigo de inconscientemente se atravessarem ruas e largos sem previo aviso do que vai a passar, estou certo, creio-o firmemente, que os desastres que matam passariam á categoria da excepções na lufa-lufa desta luta diaria que a vida impõe.

ALVARO NETTO

TODOS

os fumadores encontram as suas marcas predilectas na

Tabacaria Serras

Notas Mundanas

Veraneios elegantes

Figueira da Foz, 24

Meu caro Carlos, venho hoje, pela ultima vez, dar noticias desta linda praia de Portugal, cuja epoca de verão terminou ontem. Mas antes disso quero informar ainda as gentis leitoras do «Diario de Lisboa» da festa que se realisou no dia 18 do corrente na esplendida quinta do Viso, propriedade da sr.ª D. Maria do Loreto de Borja Trindade, que gentilmente a poz á disposição de quem escreve estas linhas para a realisação do tradicional «magusto», que, como sempre, foi revestido de grande animação, sendo uma das festas que se realiza nesta praia que deixam inapagaveis recordações. A tarde não poderia estar melhor para esse divertimento ao ar livre, estava quente e não corria viração alguma; estava de verdadeira calma.

Eram tres horas, quando começaram chegando os convidados, vindo uns a pé e outros de carruagem e automoveis.

Depois de feita a fogueira e postas as castanhas a assar, deu-se começo ás danças populares como o «Vira» e o «Verde Gaio», havendo tambem uma animada partida de «pilha tres». Findo este, e despostas nas mesas que estavam espalhadas no pinhal que fica nas trazeiras da casa, donde se desfruta a mais bela vista da Figueira, visto que fica situada sobre a magnifica bahia de Buarcos, deu-se começo á merenda que decorreu sempre debaixo da maior animação e alegria.

Terminada esta, novamente começaram as danças havendo então um «estaladinho» brilhantemente marcado pelo sr. Joaquim Rosado, ao qual imprimiu toda a sua grande «verve», sendo acompanhado á guitarra pelos srs. Mario Vaz e Vasco Couceiro Leitão Ritto. Durante o «estaladinho» o sr. dr. Agostinho Fontes deliciou a assistencia com a sua esplendida voz. Termina a dança, que deixou a mais bela impressão, visto que poucas vezes temos visto o «estaladinho» marcado com tanto espirito como o que o marcou o sr. Joaquim Rosado.

Depois, a pedido de varias senhoras, o sr. dr. Agostinho Fontes cantou varios fados, entre os quais o do dr. Coutinho de Oliveira, que o mesmo senhor cantou em Lisboa, na recita do Politeama, organizada pela saudosa titular sr.ª condessa de Vinhó e Almedina.

Eram quasi sete horas quando começaram a retirar todos os convidados extremamente encantados como a ilustre dona da casa, sr.ª D. Maria do Loreto de Borja Trindade e suas gentis filhas D. Maria do Loreto Manuel e D. Maria do Carmo, que foram de uma cativante amabilidade como é apanagio das suas fidalgas qualidades de caracter.

Na assistencia viam-se as sr.as:

Viscondessa de Alijó, D. Emilia Caldeira Bourbon Ferreira Pinto Basto, D. Maria de Mascarenhas Calheiros Madeira e filha D. Maria Casimira, D. Adelaide da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela) e filha D. Maria do Rosario, D. Matilde Pereira Caldas Vasconcelos e filhas D. Tereza, D. Paulina e D. Clotilde, D. Izabel de Azevedo Souto de Almeida Rainha, D. Berta Couceiro Leitão Rito e filha D. Maria do Ceu, D. Eliza Ferreira Lima, D. Maria de Mascarenhas de Calheiros de Noronha Azevedo, D. Maria de Lourdes da Costa de Sousa de Macedo Sassetti, D. Maria Raquel de Queiroz Medeiros, D. Adelina Carvalho Duarte Silva e filha D. Maria Antonia, D. Catarina Cordeiro, D. Maria Machado Reimão, D. Maria da Luz, D. Maria da Piedade Toscano, D. Maria da Conceição Toscano Pessoa, D. Ciranouche Carneiro Prego, D. Maria Alexandrina de Figueiredo e Melo e filha D. Maria Alexandrina, D. Julieta Maury da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela), D. Maria Luiza Souto Pinto, D. Albertina Pereira Caldas Vilarinho, D. Maria da Piedade Luz, etc., etc.

E os srs.:

Visconde de Alijá, conselheiro Ferreira de Lima, dr. Vasco de Vasconcelos, dr. Antonio de Azevedo, capitão Carlos Luiz Pereira de Almeida, João Sassetti, Antonio de Figueiredo e Melo, dr. Mario Santos, Francisco Pinto de Carvalho, dr. Agostinho Fontes, dr. Duarte Ferreira Lima, José Antonio Caldas Garcia Reis, dr. Ernesto Queiroz, dr. Eduardo de Medeiros, Julio Cesar e Manuel de Almeida Rainha, Mario Santos, Antonio de Sousa Pinto, dr. Fernando Toscano Pessoa, Mario Vaz, tenente Augusto de Andrade Freitas, Joaquim Rosado, D. Bernardo José da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela), Vasco e José Couceiro Leitão Rito, alferes Eduardo de Andrade Freitas, Albano e Joaquim Caldeira Bourbon Ferreira Pinto Basto, Antonio José Duarte Silva, etc.

Ontem realizou-se de tarde a garraiada a favor da sopa dos pobres, que decorreu animadissima, deixando na selecta assistencia uma bela impressão. Todos os distintos amadores se portaram á altura dos seus «meritos», havendo digno de nota as valentes pegas dos srs. dr. Ernesto Gomes Tomé e Americo Salvador.

A' noite realizou-se o ultimo baile no Grande Casino Peninsular, tendo-se antes da corrida realizado o ultimo concerto pelo eximio sexteto sob direcção do notavel violinista Francisco Benetó.

Fechou ontem com chave de ouro a temporada da Figueira da Foz, que poderemos afirmar que foi brilhantissima, batendo, apesar de tudo, o «record» das praias do nosso Portugal.

D. Nuno

"Diario de Lisboa"

Vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

TEATRO S. CARLOS Telef. E 5063
Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro
Sexta feira, 28 ás 21 horas
Inauguração da epoca de inverno com a estreia da peça em 4 actos

JERUSALEM!

arranjada para a scena portugueza por Alfredo Cortez com encenação de Antonio Pinheiro

O 3.º acto tem 2 quadros não havendo intervalo e os seus scenarios são de

Renato Testi e Vincenzo Pignataro

Os principais papeis são desempenhados por **Amelia Rey Colaço**, «Domitia»; **Maria Judice**, «Miss Lesly»; **Antonio Pinheiro**, «Um judeu»; **Henrique de Albuquerque**, «Padre Lazaro» e **Robles Monteiro**, Lesley

Bilhetes á venda—Não ha assinatura.

HOJE O grande e incomparavel triunfo da encantadora revista

GATO POR LEBRE

Terça feira, 25, ás 21 horas

TEATRO APOLO

Depois de ámanhã recita de Eduardo Schwalbach

DA RIA ESPLENDOROSA

A CAMINHO DA TORREIRA

Talvez a festa mais curiosa de Portugal!

Por certo, a mais original e rica de motivos: barcos, velas, agua e areal, tricanas e varinas, palheiros, um santo ebrio, nevoa, sol; o mar dum lado, a ria do outro.

Interessantissimo, em verdade, o São Paio da Torreira, a mais celebre e concorrida das devoções rianas!

Por desavenças locais, deixou de fazer-se este ano—e é o primeiro!—a festa religiosa ao São Paio. Faltaram a missa solene, a procissão e o arraial em frente da capela. Mas não faltou, animada e tipica, a multidão embarcada que costuma concorrer para o quadro maravilhoso, diverso de tudo aquilo que meus olhos de romeiro têm presenciado.

Ha quem diga que, devido á desistencia dos mordomos, a festa meteu menos gente que o costume. Outros me asseveraram que a concorrencia não fraquejou. Marinheiro de primeira viagem, não posso pronunciar-me.

O que, devido á muita amabilidade de dois amigos, tive a fortuna de vêr, chega e sobra para lhes poder garantir que o São Paio da Torreira é um espectaculo deslumbrante. Um desses dias em que, como num amor que começa,se bemdiz ter nascido.

Trouxe de lá robustecida a minha fé no poder de beleza da raça, que, nessa area surpreendente e privilegiada de Aveiro, junta á rude paixão do colorido, um atávico tino escultural para as formas em movimento.

Viva ou amortecidamente, todas as romarias são a côr: a côr que canta, a côr que ri, a côr que grita. Como são o ruido: o ruido que estrondeja, não cessa, pula, cantarola, esfogueteia, zangarreia, bailarilha.

Em Aveiro, as festas, além da policromia dos componentes, e da magia da luz sobre a agua, têm um ritmo plastico especial, graças ao qual os modos terrestres da folgança se enriquecem de inflexões lagunares, de maritimas cadencias, de fluviais desembaraços, armando em torno dos idolos concorridos, antes das coreas dos romeiros, o arraial flutuante, baloiçado, das velas decoradas e dos barcos engalanados.

O carro de romaria deixa na estrada o seu encanto, entre a poeira. Vasio e desatrelado, é um tropêço que atravanca. O barco de romaria, esse, lindo no trajecto, continúa lindo no remanso. Quando amarrado, ondula e requebra-se ainda com a mesma graça que põe no velejar.

Se eu fosse santo de pedra ou de madeira, escolheria morar numa das praias da ria, para ter o gosto de vêr. nas estradas de agua, as velas a procurar-me!

***

São onze horas quando embarco, na ponte do Forte, para uma lanchasinha a gazolina e á vela, onde uma ilustre aveirense e seu marido quizeram ter a gentileza de me levar, com um joven medico de Lisboa e uma bonequita alfacinha, cujos doiradissimos cabelos, sob o chapelinho vermelho, hão de logo fazer certa inveja ao varimame.

O nevoeiro, abolindo o horizonte, não nos deixa gozar toda a promessa da ria, que começamos a percorrer cheios de frio.

Sopra um ventosinho áspero, que, combinado com a humidade da atmosfera, nos obriga a abafar-nos.

O motor, reforçado pela vela. cria espuma em nosso redor. Vamos a contra-agua, mas com bom andamento, lamentando as pirraças da nevoa, que nos agrava a miopia.

Logo á saída, pardejam-nos a bombordo os palheiros de São Jacinto, Fora do *hangar* espaçoso, dois hidro-aviões esperam o vôo.

Na mata, mais adiante, avistam-se a casota do regente florestal e as barracas do acampamento onde o dr. Cunha e Costa está fazendo o seu *camping*.

Pouco a pouco, a névoa vai-se fluidificando, espargindo-se, mas dilatando agradavelmente o nosso alcance visual.

Passam por nós alguma embarcações de trabalho: saleiras negras, moliceiros bem recortados, barcotes pescadeiros.

Condescendentemente, o nevoeiro abre mais e mais. Mornas bafagens de sol acariciam-nos. Já se divisa, aqui e além, a candura luzidia dos monticulos de sal. Principia a ser delicioso.

Pressurosos, os mais iniciadores apontam-me povoações e balizas. Ainda ligeiramente velada, com luminosos rasgões a reguintar-lhe a graça, a terra, que há-de sempre ser o maior encanto da agua, já nos mostra melhor os seus contornos.

Aquietando-se, dissipando-se, o seu rebuçado pudor de há pouco troca-se em beleza revelada, que, surgida de entre-vais, tem um sabor, um frescôr virginais.

Reconheço que só a névoa, a névoa caprichosa, a nevoa arreliante, sabe e pode dar ás terras da sua eleição esse renovado e luzidio tom de sempre noivas, a intermitente nupcialidade, como que amorosa, que as faz mais desejaveis. O casto e profundo prodigio.

Percorremos agora a parte mais larga da ria, a sua maior extensão transversal, como se dissessemos, os seus flancos. E' a posse, a entrega definitiva.

Dobrado o Bico do Moranzel, pequeno cabo arenoso deste oceano lacustre, já podemos dizer que a ria foi nossa.

Avistamos Vilarinho, S. Julião, ilhotas sem nome, a Murtosa, Veiros, Pardelhas, Esteiro.

Fronteiriças, deparam-se-nos a Bestida, á direita, e a Torreira, á esquerda.

Vagabundeiam restos de bruma. Aportamos a terra, onde os palheiros da Torreira aparecem cercados duma sebe densa de velas e bandeirinhas.

Estraiejam raros foguetes. Crescentemente, a algazarra das vozes, o alarido das gaitas e das violas, o sussurro festivo da multidão chega até nós, confuso, espraiado, como a celeuma distante dum mar.

Em breve, a mancha compacta dos barcos e das velas, dos mastros, das cordas empavesadas, precisa-se, define-se, pormenoriza-se.

Estão ali algumas centenas de cascos, onde a ria, desde Ovar até Mira, e as circunvizinhanças, de Cocujães a Ois do Bairro, de Agueda a Estarreja, mandou a S. Paio uma boa parte dos seus homens, um tanto acitadinados no trajo, é uma avalanche das suas desempenadas mulheres.

***

Ancoramos, á vista de terra, para almoçar. Que um romeiro com fome não faz sentido, e o ar de cima de agua é um assentador sem rival do apetite!

Ha bolinhos de bacalhau, enguias de escabeche, galinha, bifes panados, fruta e os pastelinhos brancos recheados de ovos moles, vinhos á escolha, agua fresca, até licor. A gentilissima organizadora do passeio nada esqueceu, e os nossos paladares regalados, quasi, de tão avidos, não têm tempo para a louvar.

MANOEL DE SOUSA PINTO

CARVÃO CARDIFF das minas do almirantado "Insole's Cymmer(Merthyr Smokeless)"
CIMENTO ALSEN
EM BARRICAS DE 180 QUILOS
SEMPRE EM ARMAZEM
Portuguese Corporation of Commerce Ltd. Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º Telefs. C. 5092, 5093, 5094 Londres—56, Ludgate Hill
Fonsecas, Santos & Vianna
BANQUEIROS
ESTABELECIDOS EM 1861
Rua do Comercio, 116 a 132
Telegramas: SANVISE-LISBOA
DINHEIRO
Empresta-se sobre tudo que ofereça garantia, seja qual fôr o seu valor, juro convencional, muita seriedade, sigilo e rapidez nas transacções. Vendem-se joias, ouro, pratas em segunda mão e pianos dos melhores autores
n'A COMERCIAL
18, TRAVESSA DA TRINDADE, 22 (AO CHIADO)
TELEFONE C. 3:992

N.º 31 Folhetim do DIARIO DE LISBOA 25-10-921

INTIBAH
OU
As Aventuras D'Ali Bey
POR
KEMAL BEY

Entreteve-se algumas horas a passear no jardim e a rever em imagens os prazeres cuja repetição seria obra de momentos, delirando só com esta idéa. A lembrança da promessa que ela lhe exigira fazia-lhe, de vez em quando, palpitar o coração com violencia e um suor frio lhe escorria por todo o corpo. Este estado não durava, porém, mais que um minuto para logo ceder o logar á lembrança do prazer. A' noitinha pôz-se a vigiar a chegada dos barcos de Constantinopla na esperança de ver desembarcar a sua bem amada; mas sucediam-se uns após os outros sem que ela chegasse.

Ao bater das seis horas, o desespero principiou a manifestar-se. Como de ordinario, as servas trouxeram o «raki» numa mesinha opiparamente servida.

Pode o alcool produzir, no meio do sofrimento, outro efeito além de excitar a imaginação? Ali Bey bebia para acalmar a sua agitação, subindo-lhe a bebida ao cerebro como um fogo ardente.

Desvaneceu-se por fim toda a esperança com a chegada do ultimo batel. O rosto do mancebo tomou subitamente uma expressão desvairada. Dum lado, o ciume, e do outro, o pensamento de que podia ser o joguete duma mulher afectaram-no de tal maneira, que ele preferiria a morte a uma existencia igual. Suportou enormes suplicios durante meia hora. Pouco a pouco, o quiosque, que ele imaginava um paraiso terrestre, fez-lhe o efeito duma masmorra horrivel e as formas graciosas de Mehpeyker dum esqueleto que lhe enviava sorrisos malignos e trocistas. Das melodias que o encantavam tanto ainda há pouco não restava mais que este grito terrivel: — «Acautela-te, a tua Mehpeyker trai-te, a tua desgraça é inevitavel!» — O «raki», que lhe causava sempre um prazer inefavel, só servia agora para lhe aumentar a sua tristeza.

Foi nestas disposições de espirito que se lembrou da altercação que tivera com a sua mãe. Posto que as desordens da sua vida lhe houvessem modificado profundamente o caracter, um amor de alguns meses não pudera empanar completamente a sua inteligencia natural pouco comum e os frutos duma boa educação de vinte anos. Como, em resultado do seu temperamento ultrasensivel, uma simples afeição podia converter-se-lhe tão facilmente em paixão como um amor em aversão e, tendo gozado todos os prazeres até á saciedade, só queria tornar a ver Mehpeyker para lhe lançar em rosto o seu desgosto e o seu despreso, a sua unica preocupação era reparar o mal que fizera a sua mãe. Este cuidado não o deixou dormir toda a noite. Arrependeu-se tanto da sua culpada imprudencia, que não teria hesitado em solicitar o seu perdão, mesmo á custa da sua vida. Todo o tempo que passou na cama, torcendo-se como num fogo ardente, recapitulou mentalmente todas as acções de Mehpeyker, desde o começo da sua ligação. Nenhuma delas lhe parecia isenta de falsidade! A' fôrça de as comentar, até as mais inocentes lhe parecia que ocultavam idéas diabolicas. Submeteu ao mesmo exame minucioso a conduta de sua mãe para comsigo, desde que ele estivera em idade de a apreciar: não viu nela senão uma bondade sem limites e uma benevolencia indulgente. Via mesmo nas suas repreensões um testemunho de ternura. Não lhe quedou outro desejo mais que humilhar e despresar Mehpeyker, reconquistando logo as boas graças de sua mãe.

Emquanto Ali Bey assim passava a noite, em luta com dois sentimentos diametralmente opostos, a raiva da vingança e o proposito de resgatar as suas faltas, um tão terrivel, como o outro era amoroso, Mehpeyker não conseguira ver Abdoullah Effendi senão ás seis horas e meia da tarde. As ocupações deste ultimo retiveram-no na cidade. Apenas a viu, a sua face de demonio iluminou-se dum sorriso feio e perverso. Trocaram algumas palavras laconicas. Abdoullah censurou a Mehpeyker tê-lo abandonado; esta respondeu-lhe duramente que era senhora das suas acções. Foi direita ao fim e, apoiando-se na combinação estabelecida entre ambos, contou-lhe o seu amor.

(Continua).

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

O tedio da ventura

Sala azul. Pelo chão, tapetes de Arraiolos. Numa mesa, ao centro, numa jarra, de um molho de orquideas um fluido ameno de olores delicados, evola-se meigamente no ambiente morno do salão.

Ao fundo, abandonados, dois maples *forrados de setim verde, parecem entreter um coloquio ameno, misterioso e vago—um em frente ao outro.*

Tudo parece dormir o letargo feliz de um sono despreocupado. Somente as notas tristes de um Pleyel *se confundem vagamente num deliquio de som, com as canções longinquas dos rouxinois nos salgueirais em flor.*

Uma silhueta esguia, loira, transparente, desenha-se na meia-luz crepuscular da tarde, como uma iluminura de um vitral antigo.

Umas mãos delicadas flutuam, ondeiam' adejam como borboletas ao sabor da brisa' sobre o teclado, despreocupadamente.

*Indiscretas, as glicineas e as rosas, enlaçadas meigamente, espreitam pela ampla janela, aberta para o mar, onde o bárão de *** desfolha a sorrir as petalas perfumadas da sua venturosa vida.*

.....

E as notas harmoniosas de uma canção de Beethoven evolam-se no ar, como uma nuvem azul do fumo de um cigarro.

.....

Ela, encantadora, loira, muito loira, fita o olhar meigamente na orla indefinida do orisonte, a que um osculo lascivo do ocaso Pôr laivos de sangue e oiro.

De subito esvai-se, eterno, o som amortecido e vago da canção e a sua voz eurittmica e divina, soluça meigamente:

— E se nós pudessemos volver ao nosso passado cheio de recordações tão gratas, de anhelos e de beijos, de caricias e de sorrisos, le imaterialismo e de quimera?...

— Não sentes a ventura dos beijos que trocamos?

— Os beijos são formulas materiais da vida...

— E o meu amôr?

— O teu amôr!... Já foi amôr.

— Onde está, acaso, a ventura que evocas?

— Na Ansia e no Amôr; no Desconhecido, na Saudade e na Tortura; no Oculto e no Mistério — no Passado, emfim!...

— Não és feliz, então?...

— Sei sou feliz!... O auge da ventura envolve-me a existencia, persegue-me o porvir; mas sonhos já não tenho; não tenho mais saudades d'Aquele a quem eu amo, meu amôr, — de ti! Eu amo a Emoção. Eu amo a Esperança — adoro o Impossivel!

— Que paradoxais fantasias te perturbam a vida venturosa que eu julguei vivermos?

— E' que se é feliz sómente no sonho que embala...

— E já não sonhas?

— Não! Não sonharei jamais...

.....

E ao longe, nos salgueirais em flôr, soluçam beijos os rouxinois, ainda...

Póvoa, 1921.

GABRIELA DE LUCENA

Uma sindicancia

O director do Asilo Elias Garcia, de Torres Vedras, requereu ao ministro do trabalho, uma sindicancia aos actos do provedor da Assistencia, sr. Pais Abranches, entregando ao ministro uma concreta relação de acusações e um relatorio sobre a sua gerencia de três anos.

A ARTE DO BARRO

O que é a fabrica de ceramica Bordalo Pinheiro

Evoca-se a figura do grande caricaturista e as suas criações

A sala de exposição—Os ateliers—Um dos segredos da fabricação—Como se trabalha

Relembrando os tempos de Machado Castro, o presepista insigne da Sé até Rafael Bordalo Pinheiro, aquele homem forte, monoculo cravado na orbita esquerda, que passava um dia inteiro caricaturando no barro e no papel, fumando charutos e tomando café, que ele fazia numa máquina alemã, a ceramica foi sempre uma arte, que andou no sentimento do povo como um motivo esquecido e oculto, mas sempre brilhante.

Machado de Castro, que viveu nos tempos do senhor D. José, aquele rei que se sentava ao tôrno emquanto o grande marquês de Pombal assestava do trôno o seu terrivel «lorgnon» sobre a Europa, deixou nos duas ou três obras primas de arte sacra, em que o espirito religioso se sacrifica por vezes á verdade e á época. Rafael, moderno, nervos coloridos, vibrante no lápis, arrojado no barro, criou a caricatura moderna. A sua melhor obra é a fundação quasi lendaria da Fábrica das Caldas, com dois ou três oleiros e com um barrozinho propicio, que ele tornava chama, expressão, sentimento, nas suas mãos reveladoras.

Quem vai até ás Caldas da Rainha, num comboio ronceiro da C. P., com paragens de horas fora das estações, encontra três coisas: as «cavacas», os banhos sulfurosos e as caricaturas de Bordalo. E para ver a sua extraordinaria obra, que ele arremessou em dadivas de principe e de artista por esse Brasil fora, por Portugal inteiro, necessario se torna tomar por uma ruazinha ensombrada de arvores, andar dez minutos e entrar na Fábrica. O «touriste» leva o seu «kodac», o jornalista deixa na maleta a sua imaginação, e, vendo com olhos de ver, tem assunto para uma página de jornal com ilustrações curiosas.

A Fábrica é uma casa larga, caiada de branco, que á entrada, por cima da porta, tem um grande prato, um enorme prato, onde flores desabrocham, opulentas de petalas. Quem entra, deve benzer-se, porque está em frente de um museu curioso, raro, regional, multidão de pequenos barros animados, salpicantes de côr, que vivem em expressões garotas, em linhas flexuosas, em brilhos aquaticos e luminosos. Lá dentro, em cima do balcão, em taboleiros, as criações de Bordalo, muitas exumadas há bem pouco tempo das formas gastas pelos descendentes do grande ceramista, que continuam a tradição magnificente daquela dinastia de artistas, arrancam admirações e um decidido desejo de as levar todas para casa. São os pratos com peixes e com flores; o Zé Povinho, de barrete e braços cruzados a marcar uma atitude; o padre, de batina oscilante, lenço de ramagens e sofregamente pitadiando rapé; a andorinha, que mesmo presa á escapula vôa; a folha de couve da horta, de verde tenro, com o primeiro orvalho da manhã; a redução de S. Francisco de Assis, o Povozelo, dando a dextra ao seu amigo lobo; a caixinha de pó de arroz, oblonga, estranha; a lagosta articulada; a jarra heraldica, de perfil esguio, banhada num brilho de opala, onde a fisionomia se espelha e se esquece; os gatinhos, chapeu alto e badine, dansando, cumprimentando, namorando; e ainda a babilonia, seca e meca de barros pequenos, todos vivendo das grandes dedadas do grande mestre Bordalo. Os olhos ficam, repartem-se por tudo aquilo, sofregos, ansiosos de tudo comprar.

Há um amigo, um cicerone, um dos irmãos Bordalos, que está agora á testa da Fábrica desde que Manuel Gustavo morreu, que nos leva a visitar as outras dependencias. Os fornos — dois — e mais outro ao lado que já se anda a construir.

Ouvimos, então, como se faz a cozedura a fogo lento, que pode ir até dois mil graus; os cuidados maternais que se têm com os barros, pequeninos seres animados, frageis, quebradiços; as especies da greda que se empregam: a vulgar e a branca, que vêm de acolá, perto. Seguimos; agora é a oficina. E' um «atelier» de escultor, de luz velada, a atmosfera cinzenta, onde, num grande silencio, muitos homens trabalham. As antigas ceramicas da Fábrica Bordalo Pinheiro são reproduzidas por fôrmas de gesso. Depois, trabalhadas, detalhadas, porque há sempre um certo empastamento, uma certa imperfeição. Entram o teque, a espatula, a unha, o toque subtil. Dali, seguem para o forno e do forno regressam á oficina onde são coloridos.

E' no colorido dos barros, nacarado, luminoso, faiscante, todo cheio de sol, onde a fisionomia se revê como num espelho de boa lamina, que reside todo o segredo da fabricação actual. A pintura tem uma formula onde entram um oxido e certos graus de temperatura, que depois a refrangem, a esbatem e a arcoirizam. Uma jarra que de lá trouxemos e que está aqui, em cima da secretária em que escrevemos, «figurine» dansante de mulher, de braços erguidos, cingindo a nuca com esbelto donaire, tem um azul tão profundo, tão intenso, tão radiante, que, se vocês a vissem, diriam ser uma noite dos tropicos, banhada pelos fulgores de mil estrelas. Tem azul do mar, azul do ceu, azul de sombras crespusculares. Desculpa, leitor, esta jarra incongruentemente posta aqui. Mas ela tem tanta riqueza de tinta, que bem merece duas linhas de referencia, ainda que modestas.

Na Fábrica trabalham tambem alguns alunos da Escola Industrial, que vão ensaiando a arte da ceramica em peças de primeira factura. São coisas simples, singelas, que eles, com o dedito infirme, a trambulhar por vezes, lá vão modelando. Por aqui e ali fornadas de barro; em prateleiras, os primeiros modelos; a um canto, a «Jarra Foz», que Manuel Gustavo confeccionou e que é reputada a sua obra prima. Preguntámos:

— A quanto montam as criações de Bordalo?

— Talvez algumas centenas. Muitos modelos que estavam esquecidos reaparecem agora... A nossa maior preocupação é obter brilhos... Veja!

E a visita continua. Seguimos, depois, por uns terrenos remexidos, onde se estão rasgando caboucos para novos edificios da Fábrica. Porque a Fábrica, sujeita ao espirito artista dos irmãos Bordalos, tomou ultimamente um desenvolvimento extraordinario que a afluencia das encomendas de todos os pontos do paiz, e até mesmo do estrangeiro, acentua de dia para dia.

Saimos. As notas da reportagem que aí ficam foram coligidas há já dois meses; no entanto, os nossos olhos relembram ainda todos aqueles barros, tão portugueses, tão tipicos, tão regionais, da Fábrica Bordalo, a mais caracteristica de todas as nossas fábricas.

Publicaremos ámanhã uma entrevista sobre os acontecimentos com um antigo deputado que tomou parte activa no movimento revolucionario.

LISBOA DE NOITE

UMA DILIGENCIA FRUSTRADA

O "Diario de Lisboa" vai altas horas da noite num "camion" da guarda republicana até casa do sr. Agatão Lança

Lisboa de noite, ainda ha dois dias tinha um scenario de romance de capa e espada. A's 9 horas—vá lá á moda antiga no dizer—subitamente as lojas desciam as portas de zinco, o traseunte tranzido recolhia a casa, e a cidade, tomada de silencio, caia como morta.

Foi no sabado que o jornalista empossado do salvo conduto se resolveu a aventurar pela avenida Almirante Reis, abaixo, no intuito de colher duas ou três impressões. Ahi por alturas do Bairro de Inglaterra, um *camion* apetrechado de armas, metralhadoras e soldados, projectava na sombra, rasgando-a, a luz potente dos seus farois. Falava-se, discutia-se, um oficial dava ordens e numa janela dum rez do chão, bastante alto, um policia, empoleirado, por artes do Demo, parlamentava com uma senhora bastante assustada.

Mora aqui o sr. Agatão Lança?

—Não... Não... Não... O que querem?

—E' a guarda republicana que lhe vem guardar a casa.

Bateu-se a avenida Almirante Reis toda. O *camion* em marchas e contra-marchas, parou em muitas portas. O oficial indagava activamente, mas sempre com resultados infrutiferos. Pelas janelas, rostos aterrorisados, que respondem ás preguntas com voz inter-cortada. Duma farmacia o oficial conseguiu comunicar com o governo civil. Não era no Almirante Reis que morava o sr. Agatão Lança, mas sim, na rua Valmor, para as avenidas novas. O *camion* desamarrou rapido e seguiu a toda a velocidade para lá. Fomos tambem.

—Depressa, depressa, dizia o oficial. Não façam fogo sem eu mandar. Se virem algum *malandro* a rondar a casa, fuzilem-no imediatamente. Para a frente! Mais força!

E o camion seguiu rápido; atravessou num relampago a estação dos electricos do Arco de Cego e embrenhou-se pela Avenida da Republica. Depois, a Avenida Valmor. Ninguem. O oficial então desceu, procurou a casa, e durante meia hora tocou á campainha. Por fim abriu a porta da rua, uma velhinha muito tremula, de voz pegajoza, que afirmou, não morar ali o sr. Agatão Lança. Mas em cima, na escada, uma raparigona alta, que segurava um candeiro, vendo que o oficial da guarda republicana estava ali para defender, realmente o sr. Agatão Lança, confessou «que o sr. oficial tinha ali um quarto, mas não estava».

Mais explicações de parte a parte, e o *camion* seguiu direito ao posto da policia das Picoas. No caminho ouvimos alguns comentarios dos soldados, deveras interessantes:

—Andamos neste serviço, voluntariamente...

—Ontem á noite saimos a toda a pressa, direitos a Carriche... Disseram-nos que andava por aqueles sitios o *camion* fantasma. Quando chegámos, não encontramos nada, nada.

—Ah! se apanho algum! disse o soldado que estava junto da metralhadora.

No posto das Picoas, o cabo informou receoso, que estava tudo em socego.

—Eu já julgava que fosse o *camion* fantasma!

—Hom'essa! Então você não conhece o *bonet* da guarda!?

Seguimos para o Cabeço de Bola. As arvores dansavam, o *camion* voava, treva compacta. Nem viv'alma. Silencio, silencio sempre. Quando á porta do quartel do Cabeço de Bola, nos despedimos do oficial, este disse:

—A guarda vigia.

A CIDADE

OS ACONTECIMENTOS

A NOITE TRAGICA DO ARSENAL

O capitão-tenente sr. Carvalho Crato escreve ao "Diario de Lisboa" fazendo uma aclaração importante

Do capitão-tenente sr. Carvalho Crato, recebemos a seguinte carta que gostosamente publicamos, como de resto publicaremos todos os documentos que nos forem enviados, tendentes a esclarecer os ultimos acontecimentos.

No entanto, um reparo é preciso—reparo esse, que o sr. Carvalho Crato tambem levanta na sua carta, embora veladamente. E' que a frase:—«o doutor está entregue á guarda do sr. Carvalho Crato», foi pronunciada no Arsenal. Encerrava ela, sem duvida, um intuito de tranquilisação. Mas que objectivo lhe assistira? O de afastar o sr. Cunha Leal do teatro dos acontecimentos? Ou seria pronunciado por alguem bem intencionado, que supunho falar verdade?

Sr. director do jornal *Diario de Lisboa*: No relato dos acontecimentos passados no Arsenal de Marinha, na noite da morte do dr. Antonio Granjo, relato este, feito segundo informações do sr. Cunha Leal, vem duas vezes o meu nome como estando no Arsenal, á entrada do sr. Cunha Leal e tambem o ter sido confiado á minha guarda o sr. dr. Antonio Granjo. Da primeira devo dizer haver uma pequena diferença que é o de eu ter chegado de bordo do meu navio depois de ferido o sr. Cunha Leal, a quem me apressei de procurar no Posto Medico.

Da segunda é absolutamente destituida de fundamento, pois alguem informou mal o sr. Cunha Leal, pois a minha missão quando vim de bordo, foi ir ao Quartel do Carmo, para onde me dirigi, e não conservar-me no Arsenal onde nada tinha que fazer, pois encontrava-se ali dirigindo o serviço, o actual ministro da Marinha, capitão de fragata Ramos. Alguem iludiu o sr. Cunha Leal dizendo-lhe estar o sr. dr. Antonio Granjo sob minha guarda, com o fim de o tranquilisar. No quartel do Carmo, quando conversava com o coronel sr. Coelho, é que apareceu Afonso de Macedo, dizendo ter sido morto o ex-presidente do ministerio. Pedindo-lhe a inserção desta minha carta, para ilucidação da verdade, creia-me muito atento e obrigado, *José Eduardo de Carvalho Crato*, capitão-tenente, comandante do destroyer «Vouga».

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

PARA A HISTORIA

A minha ultima entrevista com Antonio Granjo

Uma reunião de jornalistas no ministerio do Interior

"O mais que pode haver é uma pequena desordem, que se dominará facilmente"

Lisboa é uma terra de boatos; julgo que foi sempre assim. Que me lembre, desde os seis anos que me martelam aos ouvidos coisas sinistras. Nasci e cresci neste ambiente de tragedia, para que a cidade parece ter uma predestinação especial, e de tal forma as comoções mais rudes me têm confrangido o coração, que de há muito perdi o receio de uma hipertrofia do vaso sagrado, anunciada pelos medicos quando não se completara ainda a segunda dentição... Já não tenho, confesso, a noção exacta dos acontecimentos, de tal forma os tenho visto repetir-se e, quanto a boatos, guardo cuidadosamente no bolso do casaco aqueles que passam ao alcance da mão. E esta norma, de há muito seguida sem quebra, mais se acentuou quando os azares da existencia lançaram o autor destas linhas na vida de jornal.

No entanto, nestas dez semanas de agitação subterranea que precederam a eclosão do movimento, os boatos formaram coluna cerrada e verrumaram com insistencia tal os ouvidos de quem, por profissionalismo, tem de saber o que se passa e adivinhar o que se está para passar, que o *reporter* se viu obrigado a pesquizar os *bas-fonds* citadinos. Que colheu elementos de certa valia, demonstrou-o este jornal em muitos momentos e principalmente quando dos anuncios de insurreição, que por umas duas vezes alarmaram a cidade. Houve quem não acreditasse... Fantasias de *reporter*... Jornalismo *à sensation*...

***

Boatos... Muitos boatos... A vida do ministerio era dificil; além de dificil, complicada. No dia-a-dia jornalistico havia sempre coisas de revolução, quatro linhas ao menos, e Antonio Granjo, que conhecia o *métier*, que tinha a noção da poderosissima arma moral que a imprensa representa, procurou conjugar o profissionalismo do jornalista com a conveniencia do paiz, sem que lançasse mão de medidas que de qualquer forma desmentissem o rotulo do partido a que pertencia. Pensou numa reunião. Falaria ali serenamente da situação e apelaria para a boa vontade da gente das gazetas.

Uma tarde, ás seis e tal, convocou representantes dos jornais, para uma conferencia no ministerio do Interior. Compareceu quasi tudo. Os grandes e os pequenos jornais, excepção feita de uns tantos que, por irredutibilidade que demonstravam quotidianamente com a politica liberal, inutil seria convidar. Nessa tarde, Antonio Granjo estava satisfeito. No seu rosto prazenteiro, bochechas amplas de bom homem, de criatura que dá albergue a um feitio bonacheirão, havia um sorriso muito largo, que a sua barba em bico tapava aos cantos.

— Como vão, rapazes?

Era um homem de familiaridades. Para ele, o protocolo não passava de uma invenção muito incomoda de palacianos de mau gôsto, e preferia o trato franco e as conversas em que a subtileza fosse posta de lado pela expressão clara do pensamento. Quando os representantes dos jornais, procurando compôr uma atitude grave, se alinharam naquelas cadeiras do gabinete do Interior que lhe dão um ar muito acentuado de loja de *bric-à-brac*, o presidente, cautelosamente, disse para o porteiro: — «Vá-se embora e feche a porta á chave». E completou, sorrindo: — «Isto não é uma reunião secreta, mas não deixa de ser conveniente...»

Sem *pose*, como que entre amigos, começou a falar. Tramava-se qualquer coisa nos bastidores da politica contra o seu governo. Coisa sem importancia. O aspecto serio da questão era o interesse que os amadores do boato davam a essa conspirata de despeitados. Em todos os pontos de reunião se falava do proximo movimento, ligando-se-lhe importancia demasiada. Uma coisa massadora... Os telefones a retinir constantemente, tocados por gente que receava novidade de vulto. Os boatos faziam a sua ronda negra de descredito, de inquietação. Havia uma mão oculta nisto tudo...

Antonio Granjo calou-se. Num olhar rapido fez balanço á impressão provocada pelas suas palavras. Depois, prosseguiu:

— Os jornais, frequentes vezes, preocupam-se com os boatos. Raro é o dia que lhes não concedem colunas sobre colunas. Isto, é mau. A revolução fornece assunto, sem duvida. Mas a imprensa, ligando-lhe importancia, robustece-a. Apareceram já umas coisas...

— Mas a revolução não passa de anuncios... — observou um redactor do «Diario de Noticias».

— Anuncios, não. Tentativas malogradas. Manda a verdade... — observou outro jornalista.

O presidente do ministerio não gostou da observação. Leu-se-lhe no olhar que não acreditava na proximidade de acontecimentos de importancia. E essa convicção encerrou-a numa frase, que jámais olvidaremos: — O mais que pode haver, é uma desordem, que se reprimirá facilmente com pouco sangue e poucas violencias.

Os jornalistas presentes entreolharam-se. Havia ali quem estivesse no segredo da conjura. Entretanto, Antonio Granjo prosseguia nas suas considerações. Estava tranquilo. Notava em todo o paiz uma grande reacção contra novos movimentos revolucionarios. Quanto á situação do paiz, via-a debaixo de um ponto de vista todo optimismo. Esperava que a situação financeira melhorasse dentro em breve — por coisas... explicou, num sorriso que ocultava o seu segredo — e quanto ao nosso nome no estrangeiro, valia de forma tal, que aguardava para muito breve uma manifestação de simpatia e auxilio das grandes potencias europeias.

***

O presidente do ministerio pediu, por ultimo, aos jornalistas presentes, que obtivessem das suas empresas um certo comedimento na utilização de informes alarmantes. Combinou, mesmo, um serviço comum de informação; uma especie de *bodo* de noticias, que nunca teve execução completa. Houve redactores, uns três, entre eles o do «Diario de Lisboa», que lhe prometeram apoio. Os outros guardaram o prudente silencio de Conrado...

Foi assim a minha ultima entrevista com Antonio Granjo. Não lhe tornei a falar. Tive lágrimas, quando os jornais me noticiaram a sua morte. Não foi uma entrevista para jornal, para o publico, é certo. Mas, agora, uma vez relatada, atinge um razoavel grau de significação, ao compararmos o optimismo exagerado do chefe do governo com a mancha negra de verdade que todos divisavam e a que ele só deu credito quando o seu sangue a salpicou... — S. P.

Os "Sports"

O bi-semanario, que não se publicou no passado domingo em virtude dos ultimos acontecimentos, reaparece na qninta feira proxima.

OS TEATROS

Atravez do repostelro

Finda a sua temporada no teatro S. João, do Porto, e após algumas recitas em Braga e Coimbra, a companhia Palmira Bastos fará uma «tournée» á Madeira e Açores.

—Para a exploração do teatro Olimpia, do Porto, o empresario Antonio de Macedo, que o tomou de arrendamento, entrou em acordo com o empresario da mesma cidade Antonio de Castro, dizendo-se que o mesmo teatro será explorado com cinema e variedades, devendo exibir-se ali, pela primeira vez, a notavel fita «Amor de Perdição».

—E' ainda prematura a noticia de uma proxima viagem a Paris e a Londres do distinto «costumier» Barbosa Junior.

—Por motivo de doença, não tem representado ultimamente a actriz Evan Viçoso.

—Consta ter-se desligado da empresa Henrique Barreiros, Limitada, a actriz Ema de Oliveira.

—Volta a falar-se na proxima constituição duma empresa, tendo como primeira figura um dos nossos mais festejados e populares actores comicos.

—A inauguração dos espectaculos por sessões, no teatro Apolo, far-se-ha dentro de alguns dias.

—Regressou de Braga o distinto escritor Eduardo Schwalbach.

NACIONAL—E'-nos grato anunciar a reabertura do teatro Nacional na proxima sexta-feira, com a «reprise» da peça historica D. Afonso VI, *original de D. João da Camara, ansiosamente esperada pelo publico e que mais cedo não poude realizar-se por virtude dos recentes acontecimentos. Conforme está dito, o notavel drama vai ser posto em scena com todos os requintes de riqueza e de luxo, interpretado pelos mais ilustres e distintos artistas do elenco do Nacional, de modo a que a sua «reprise», volvidos 31 anos da sua primeira recita, em nada desmereça do brilhantismo e do exito então alcançados.*

Para maior atractivo, o teatro, por ventura a mais bela e a mais elegante casa de espectaculos da capital, abrirá as suas portas com a sua linda sala inteiramente renovada e embelezada, podendo nós afirmar que a obra, ontem concluida, a tornou encantadora, vendo-se todos os dourados rebrilhantes de novo, toda a branco e ouro, a forragem dos camarotes a escarlate e a plateia reparada, confortavel, magnificamente estofada. Deve-se este trabalho, que desde ha muito se impunha, aos esforços que, junto das estações superiores, empregou o administrador do nosso primeiro teatro, sr. Luís Galhardo, homem de rasgadas iniciativas, que em todas as suas coisas põe a nota caracteristica da sua alta competencia e do seu comprovado talento.

Reclames

E' definitivamente no proximo dia 28 que a companhia dramatica Rey Colaço-Robles Monteiro inaugura a epoca de inverno no teatro de S. Carlos com a estreia da peça em 4 actos, «Jerusalem!» de George Rivolet, arranjada para a scena portuguesa por Alfredo Cortez. A acção de um dos actos decorre junto do Santo Sepulcro e o 3.º acto tem dois quadros não havendo intervalo e sendo os seus scenarios de Renato Testi e Vincenzo Pignataro.

Os principais papeis da peça, enscenada com esmero por Antonio Pinheiro, estão a cargo dos artistas Amelia Rey Colaço, Maria Judice, Antonio Pinheiro, Henrique d'Albuquerque e Robles Monteiro.

AVENIDA—Não tem discussão. A melhor peça em scena, a mais engraçada, a mais bem posta, a que tem melhor desempenho, a unica que o publico não se cansa de ver e aplaude sempre entusiasmado é a graciosa opereta «Flores do Norte» o grande exito desta temporada e um grande sucesso da companhia Satanela-Amarante.

GIMNASIO—Prossegue hoje, na sua gloriosa carreira de aplausos e alegria «O celebre Pina», cujas representações foram forçadamente interrompidas, quando ao elegante teatro, estava atraindo enorme concorrencia. O espectaculo começa ás 21 horas precisas, findando antes da meia noite.

No camaroteiro do Gimnasio encerra-se na 5.ª feira a assinatura para as 6 recitas da temporada de inverno todas com peças diferentes, em primeira representação.

APOLO—Com a tranquilidade nas ruas, garantida pelas autoridades, volta a alegria ás almas e aos espiritos, garantida empresa do Apolo, onde reapareceu com todos os encantos de uma «première», para uma enorme série de enchentes, a revista «Gato por lebre», que ámanhã, em 15.ª dará a recita do seu autor, o ilustre comediografo Eduardo Schwalbach, recita para a qual já hoje se marcam bilhetes.

EDEN TEATRO—O scenario do 1.º quadro da fantasia revista «Pau de dois bicos» é todo maquinado de maneira que durante a representação soire varias transformações que são de um belo e originalissimo efeito.

SALÃO FOZ—Já hoje podemos dar os titulos de todos os quadros do 1.º acto da nova revista «Bichinha gata», que vai ser representada no Salão Foz pela Companhia Otelo de Carvalho. Ei-los; 1.º, «Do ceu te venha o remedio»; 2.º, «Sape gato...»; 3.º, «O comboio n.º 6»; 4.º, «Kotarga City; 5.º, «Branco e negro»; 6.º. «Apoteose».

Tanto os senarios como o guarda-roupa dessa peça, de que são autores Ernesto Rodrigues, João Bastos, Felix Bermudes & Lino Ferreira, estão quasi completamente concluidos, e os seus ensaios muito adeantados, de forma que a «première» só por motivo de força maior, e alheio á vontade da empresa, deixará de se realizar no corrente mez.

Neves & Cruz

Importadores e Exportadores directos

SÉDE

Rua Ivens, 53

CONSERVAS E VINHOS

Filial em Anvers

RUE DES FORTIFICATIONS, 69, 1.º

Agentes no Congo Belga, Loanda e Benguela

(Produtos africanistas)

PROVINCIAS

Em Ervedal

A feira anual

Ervedal, 24

A feira anual que aqui se realizou nos dias 18 e 19 do corrente, esteve concorridissima e muito animada, tendo-se feito importantes transacções, especialmente em gado suino, que atingiu elevados preços. Tambem havia bastante gado lanigero, muar e cavalar; barracas de ourives, algibebes, quinquilharias, muita louça e varios generos de toda a especie, predominando as nozes, que é uma das mais importantes produções locais, feijão, etc. Ainda aqui está uma barraca de leilão de louça e uma fotografia ambulante.

Este ano faltou o animatografo, que animava bastante a feira, sendo costume demorar-se aqui muito tempo depois dela. O policiamento foi feito por 16 praças da guarda republicana, sob o comando do sr. tenente Galhardo, da secção de Ponte de Sôr.

—E' bastante animadora a «novidade» da azeitona.

—Teem feito uns diaa lindissimos, com uma temperatura deliciosa.

Em Obidos

O novo administrador

Obidos, 22

Os jornais teem sido aqui lidos com grande entusiasmo para se saber dos ultimos acontecimentos.

Neste concelho ha completo socego. Toda a gente de bom senso condena os atentados de que foram vitimas o ex-presidente do ministerio, Machado Santos e outros.

—Acaba de ser nomeado administrador deste concelho, o velho republicano Pedro Nunes Henriques, secretario da mesma administração. E' para notar que este funcionario exerceu igual cargo depois do movimento de Monsanto, a contento de toda a gente.

DIA RELIGIOSO

A'MANHÃ, 26

Resa-se S. Evaristo, pápa e martir, simplex, paramentos vermelhos, na missa 2.ª A Cunctis, 3.ª ad lib.

Lausperene: Na capela do Coração de Jesus, na rua Renato Baptista (aos Anjos).

TESTIVIDADES:

Socorro, ás 11,30 horas, missa solene da reposição do Lausperene, por musica.

Coração de Jesus (aos Anjos), ás 11,30 horas, missa solemne e exposição do Sagrado Lausperene, por musica, ás 17,30 horas. Terços benditos, por musica.

Mês do Rosario—Nas igrejas do costume.

ELECTRICIDADE—MAQUINAS

Instalações e reparações—Peçam orçamentos gratis **A Electro-Quimica Lt.ª R. Douradores, 29, 3.º Lisboa.**

TRATAMENTO DA TUBERCULOSE

Do Prof WILSENGOLD

BRUXELLAS

LITHANE

DEPOSITARIOS

ALVARO CAMPOS, LIMITADA

103 Rua Garrett 1.º

ELECTRICIDADE PORTATIL

Luzes de bolso!!!

Lampadas de algibeira, bastões, tarchee, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.

EFEITO SURPREENDENTE!

Descontos aos revendedores

Remete-se para a provincia

CASA TRIUNFO

R. Augusta, 72, 74

LISBOA

Óleo fígado de bacalhau

(PURO)

SOCIEDADE COMERCIO NACIONAL, L.DA

59, Rua Nova do Almada, 1.º

Telefone C. 3190

Grande Café de Italia

DÉJEUNERS

A PRIX FIXE ET A' LA CARTE

Esmerado serviço de chá, chocolate e torradas

Rua 1.º de Dezembro

S. I. C.

Os melhores chocolates, cacaus, bombons e drops

Pedir sempre os chocolates

S. I. C.

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24

PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

"DIARIO DE LISBOA"

Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

GARANTIA

Companhia de Seguros

Fundada em 1853 — Sede no PORTO

(Edificio proprio)

Sinistros pagos até 31 de Maio de 1921

Esc. 7.973.798$76,3

Capital — MIL CONTOS

(Inteiramente realizado)

EFECTUA SEGUROS:

Terrestres,
Agricolas,
Industriais,
de automoveis,
Trespasses,
Maritimos e minas
—Seguros de vida—

AGENTES:

José Henriques Totta, Ld.ª

Banqueiros

Lisboa — Telef. 533 e 1589-C

NO ESTRANGEIRO

A ACTIVIDADE ALEMÃ

Os alemães propõem a formação de um consorcio de editores que se entenderá directamente com os editores franceses

A actividade expandida pela Alemanha para obter um logar importante em todos os ramos de exportação é verdadeiramente pasmosa. Presenceando as dificuldades de toda a sorte, especialmente economicas, que afrontam as nações victoriosas, e a exuberancia de vida que se manifesta em todos os ramos de actividade na Alemanha; considerando as consequencias economicas e morais da falta de trabalho e da abundancia dele, chega-se a concluir, duma forma geral, que sobretudo colocando par a par a Inglaterra e a Alemanha, a derrota não foi tão prejudicial para esta como a victoria para aquela.

O *Excelsior* publica as propostas que têm sido feitas pelos editores alemães para conseguirem ser os impressores do livro francês. Se o conseguirem será mais uma vantagem a juntar á incomparavel vantagem das reparações em materiais e produtos de industria, que lhes dará um desenvolvimento industrial ainda muito maior.

Dizem os editores alemães:

Ha em França uma verdadeira crise de livros; as edições de numerosos livros classicos estão exgotadas, sem data fixada de reimpressão. Na Alemanha o comercio de livros diminuiu muito desde 1920; temos pois papel, maquinas e pessoal disponivel que poderiamos empregar na impressão dos trabalhos que faltam em França.

O preço por que o fariamos seria tão baixo que a todos espantaria quando chegassemos a fixa-lo; assim dariamos margem a um lucro grande aos editores e livreiros franceses, de quem seriamos apenas os impressores, e contribuiramos para pôr a leitura ao alcance de todos, pois o preço de venda ao publico seria muito mais em conta. Fabricariamos livros de todos os formatos e de todas as qualidades; livros populares e edições luxuosas. Para que não houvesse o receio de se ver espalhado o gosto alemão, reproduziriamos rigosamente os modelos que os franceses nos entregassem. Os livros franceses que temos imprimido ultimamente para consumo nacional têm pouco mais gralhas que os editados em França.

As vantagens que de imprimirmos os seus livros adviriam para a França são apreciaveis.

Em primeiro lugar a abundancia de livros franceses por um baixo preço contribuiria para a ilustração das classes pobres; os estudiosos, sobretudo do estrangeiro, não seriam obrigados a estudar noutra lingua as obras que faltam em francês, habituando-se a elas com permanente prejuizo para a França; os paises onde a vitoria deu á França uma notavel preponderancia não se veriam privados do conhecimento das obras desta, a qual será a que mais sofrerá com isso, dando uma impressão de fraquesa, alheamento e indiferença.

Depois ha a considerar a diminuição de preço, cujas vantagens não é preciso encarecer; a abundancia de livros seria uma vantagem incalculavel para combater a campanha contra a lingua francesa a favor da inglesa, que se vem desenhando acentuadamente na Alemanha.

Por ultimo, incluindo estes trabalhos na conta das reparações, ainda a França se veria paga mais depressa.

Para evitar os perigos da concorrencia ao trabalho, os alemães propõem que se forme em França um consorcio de editores, que tratará com um consorcio de editores alemães, o qual está pronto a formar-se e a entrar em acção, a fim de que só sejam encomendados os trabalhos necessarios.

E terminam: Dizei-nos que mais objecções tendes, para chegarmos a um acôrdo.

Corresponderão a este convite os editores franceses? Não ha duvida que as vantagens oferecidas pela Alemanha são reais; mas não ha duvida tambem de que esta actividade, sendo mais uma prova do seu espirito de trabalho, vai preparando á Alemanha um futuro economico muito mais prospero que o anterior á guerra, no qual muitos vêem a origem exclusiva desta e e que pelo menos foi uma das suas causas e determinantes mais efectivas.

A GUERRA DE MARROCOS

Na ocupação de Monte Arruit, efectivada após curta resistencia dos mouros, salientou-se a acção da cavalaria

MELILLA, 25.

A ocupação de Monte Arruit fez-se, tendo os mouros oferecido pequena resistencia. A cavalaria espanhola penetrou rapidamente na planicie, queimando os aduares e preseguindo grupos de mouros que fugiam.

A aviação lançou muitas bombas, castigando duramente varios grupos de mouros que fugiam com gado.

Em Seres e Gomara na região de Tetuan o inimigo atacou as posições de Tiguisas. A comuna do general Marzo abasteceu a posição de Magan, tendo sustentado tiroteio com numerosos contingentes marroquinos.—(U. P.).

EM LONDRES

A companhia dos metropolitanos vai aumentar o seu capital com 8.000:000 de libras esterlinas

LONDRES, 25.

A companhia dos metropolitanos desta cidade solicitou ao governo que lhe fosse permitido elevar o seu capital com mais 8 milhões de libras esterlinas, com o fim de se executar imediatamente um vasto plano de extensão das linhas actuais. Se este pedido fôr aprovado, 20 mil homens escolhidos entre os desempregados, terão trabalho permanente durante um periodo de dois anos.—(U. P.).

Os assassinios de Dinitroff

Ainda não foi descoberto o criminoso

SOFIA, 25

Apesar das diligencias policiais ainda se não conseguiu identificar os assassinos do ministro da Guerra Dinitroff que foi vitima dum atentado quando seguia de automovel para Kuestendil acompanhado de três oficiais.—(R.).

TEATRO DO GIMNASIO

Companhia ALVES DA CUNHA

HOJE, ás 9 da noite, em ponto, HOJE

A mais graciosa das peças

O CELEBRE PINA

com Flora Dyson e Joaquim Prata

O espectaculo acaba antes da meia noite

A SEGUIR: 1.ª recita de assinatura com a peça

MARIDOS ENCRAVADOS

A assinatura encerra-se na quinta-feira.

TEATRO CHIADO TERRASSE

COMPANHIA LUZ VELOSO

QUINTA-FEIRA, 27

INAUGURAÇÃO DA EPOCA

1.ª RECITA DE ASSINATURA

1.ª representação da celebre peça italiana em 3 actos de Sabatino Lopes, tradução de Mario Duarte

MARIO E MARIA

Os principais papeis por *Luz Veloso, Teodoro Santos* e *Rafael Gomes.*

Bilhetes á venda.

O TRONO DA HUNGRIA

O grande financeiro bulgaro Sacharoff auxiliou a tentativa do rei Carlos para voltar a ser o chefe dos hungaros

BERLIM, 25.

Basil Sacharoff, grande financeiro bulgaro que fez uma grande fortuna em Paris, auxiliou a tentativa do ex-rei Carlos para que este se apoderasse de novo do trono da Hungria. Nos meios bem informados de Berlim e de Viena diz-se que foi tambem este argentario bulgaro quem forneceu os fundos necessarios para preparar o advento do rei Constantino da Grecia. Sacharoff teria posto á disposição do ex-imperador austriaco grandes quantias para este tentar com probabilidades de exito a sua aventura. Informações tambem da mesma procedencia dizem que por detraz deste movimento há uma complicada intriga feminina. Paule Horthy filha do regente da Hungria teria a ambição de casar com um principe da familia dos Habsburgos que apoiado na influencia do almirante Horthy, seria posteriormente proclamado rei da Hungria. A ex-imperatriz Zita teria incitado seu esposo a tentar um esforço desesperado para evitar que o trono hungaro fosse ocupado pela filha do antigo ajudante de Carlos da Hungria.

O almirante Horthy envida todos os seus esforços para prejudicar a tentativa do ex-soberano. As informações continuam contraditorias, dizendo umas que as tropas hungaras de Horthy derrotaram as tropas do imperador e dizendo outras pelo contrario que este já se apoderou de Budapesth. O momento presente é mais favoravel para a tentativa de restauração do que a ocasião em que foi feita a primeira tentativa, comtudo a ultima palavra pertencerá á primeira Entente que está disposta a intervir contra o ex-rei Carlos com a maxima energia.—(U. P.).

Norte-America-Alemanha

WASHINGTON, 25.

O sr. Weeks secetario de estado da Guerra resolveu definitivamente que os efectivos americanos que se encontram na Alemanha, sejam reduzidos a 126 oficiais e 7.873 soldados.—(U. P.).

NACIONAL NA ACTUAL SEMANA

Inauguração da epoca e 1.ª recita de assinatura

D. Afonso VI

Bilhetes á venda

TEATRO AVENIDA

HOJE ás 9 1/4 HOJE

A OPERETA

Flores da Noite

COMPANHIA

SATANELLA-AMARANTE

O espectaculo acaba antes da meia noite

FALA O SABIO STEINER

E acrescenta algumas reflexões interessantes á entrevista em que foi revelado o plano de invasão da Belgica

Reproduzimos ha dias a entrevista que o dr. Steiner deu a Jules Sauerwein, ácerca do papel que o general de Moltke e o kaiser desempenharam na declaração de guerra, entrevista cujo eco retumbante correu o mundo, pois nela se documenta o até hoje sempre contestado plano de invasão, não só da Belgica, mas tambem da Holanda, pelas tropas germanicas.

O dr. Steiner fez publicar o texto integral dessa entrevista na revista hebdomadaria *O Goetheanum*, juntando-lhe ainda as seguintes reflexões:

«Pareceu-me impossivel deixar de responder ás preguntas que me fez, durante a sua visita, o meu amigo Jules Sauerwein, porque considero que o tempo presente impõe a obrigação de dizer a verdade a todo aquele que souber alguma coisa á cerca da guerra. Consideraria, pois, o silencio contrario ao meu dever, e o que disse podia dize-lo independentemente das memorias de Moltke, visto que o ouvi contar por ele proprio, primeiro em novembro de 1914, e por varias vezes de aí por diante, sem que nunca me impuzesse segredo. Unicamente haviamos combinado que eu escolheria o momento oportuno para falar.

«Em segundo logar, conheci perfeitamente de Moltke, e aprendi a estimar a distinção dêste caracter absolutamente oposto a qualquer disfarce da verdade. Sabia quão terrivel era a decisão a tomar que o dever militar impunha a ele só. Acrescentarei que Jules Sauerwein me contou que se tinha espalhado a lenda de que Moltke morreu num estado de alienação mental. Preguntou-me o que havia de verdadeiro nesses ruidos e que relação tinham eles com a guerra. Considerei do meu dever não me calar.

«Podem dizer que as causas da guerra veem de muito longe, mas para a esclarecer convenientemente, são de primeira necessidade revelações que serão julgadas no futuro, como hoje. São tragicas. Não é porventura comovedora essa passagem do general, em que invoca as experiencias decisivas a que submeteu os politicos em 1 de agosto: *A excitação aumentava continuamente e eu encontrava-me sósinho.* Ou ainda: *Durante esta scena cheguei a um verdadeiro desespero. Via nos passos diplomaticos que se estavam dando e que perturbavam a mobilização o maior perigo para a guerra que se preparava.*

«Quanto ás tendencias misticas de Moltke não vejo porque deva defendê-lo nem preocupar-me. O que ele fez pela guerra, considerava-o necessário sob o ponto de vista militar, e penso que o que ele disse é de natureza a dar á discussão sobre *as responsabilidades da guerra* uma base muito diferente daquela que até hoje lhes tem dado a opinião mundial.»

Um boato interessante

que não teve confirmação

LONDRES, 25.

Têm corrido boatos que carecem de confirmação, segundo os quais a Inglaterra proporia na Conferencia de Washington a anulação de todas as dividas dos aliados contraidas por motivo da guerra.—(R.).

Um alemão que faz propaganda do regresso da Alsacia para a posse da Alemanha

STRASBURGO, 25.

Foi preso em Wittenhein, proximo de Colmar pelos gendarmes, um alemão, subalterno de artilharia, de nome Werthe, que em virtude do tratado de Versalhes é agora subdito francez, por aterrorisar a população, fazendo propaganda alemã, e anunciar o poximo regresso da Alsacia para a posse da Alemanha.—(U. P.).

Quem providenciou

para que o "Avenida Palace" fosse guardado pela G. N. R.

Uma carta do sr. Armando de Azevedo

Do conhecido revolucionario civil sr. Armando de Azevedo recebemos com o pedido de publicação a seguinte carta:

.... Sr. Redactor — Para terminar de vez com os boatos caluniosos que a má indole e a cobardia teem propalado em volta do meu nome, venho por intermedio do seu jornal esclarecer o publico honesto ácerca da minha intervenção nos ultimos acontecimentos. Fui na verdade, ao *Hotel Avenida Palace*, sómente, a pedido, (que para mim foi uma ordem) do sr. oficial de serviço no governo civil, alferes Lopes Soares, com o fim essencial de inquirir ácerca do que se passava no referido Hotel, pois lhe foi comunicado que ali se passavam factos anormais e que era necessario, custasse o que custasse, garantir os direitos, a liberdade, e os haveres de todas as pessoas que ali se encontrassem, mas, especializando, os ilustres diplomatas estrangeiros ali hospedados. Assim fiz, falando nesse sentido com Mr. Jean Riem, «concierge» do Hotel Avenida Palace, de quem me puz inteiramente á disposição, elucidando-me este senhor nada ter havido até áquela altura, mas, ser de opinião que para prevenir qualquer acontecimento, fosse para ali destacada uma força militar. Nesta conformidade, fui immediatamente ao governo civil, instando pelo envio urgente da reclamada força, que não tardou dez minutos a comparecer no local para o aludido fim. Eis a verdade dos factos, e só esta, o que posso comprovar com o testemunho das autoridades e de honestos cidadãos, para que o publico possa avaliar a minha atitude correcta que tão adulterada tem sido pelos muitos meliantes anonimos, que, não presando a honra propria, pretendem infamemente esfarrapar a honra alheia.

Agradecendo a v. a publicação desta, sou de v. etc., — *Armando d'Azevedo.* — Lisboa, 25 de Outubro de 1921.

A censura á imprensa começa hoje a vigorar

Pelo comando militar de Lisboa foi-nos enviado o seguinte oficio:

«Tendo sido determinada pelo Governo a censura á Imprensa de Lisboa, digne-se v. ex.ª enviar desde ámanhã provas das publicações periodicas dessa Empresa ao Comissariado Geral da Policia Civica para ser feita a Censura prévia».

Saude e Fraternidade

Quartel do Comando Geral da G. N. R., no Carmo, Lisboa, 25 de Outubro de 1921.

O Comandante Militar de Lisboa

Ernesto Maria Vieira da Rocha

Espectaculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—Fechado.
S. LUIZ—A's 21—«Marido provisorio».
POLITEAMA—A's 21,30—"A raça".
GIMNASIO—A's 21,30—«O celebre Pina».
AVENIDA—A's 21—"Flôres da Noite".
EDEN—Fechado.
APOLO—A's 21,15—"Gato por lebre".
COLISEU DOS RECREIOS—A's 20,30 e 22,30—«Tic-Tac».
CHIADO TERRASSE—Fechado.
TEATRO GIL VICENTE—(á Graça)—Aos domingos segundas e quintas feiras—«A Martir».
TEATRO DOS ANJOS—A's 21—Quintas, sabados e domingos—«O homem macaco», revista.
SALÃO FOZ—Animatografo e variedades.
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.

JOALHARIA, RELOJOARIA E OURIVESARIA
— DE —
JULIO REI, L.DA
ex-empregado da *JOALHARIA ABREU*
Grande sortimento em joalharia, relojoaria e pratas por preços sem competencia
30, Praça dos Restauradores, 31
(Palacio Foz)
Antiga Relojoaria Oliveira

Ultimas Noticias

Notas sobre o movimento

Informações do governo civil

Pode-se dizer que entraram na normalidade todos os serviços do governo civil.

O sr. dr. Paiva Lereno tem continuado com grande actividade nas investigações ácerca das mortes dos srs. dr. Antonio Granjo, Machado Santos, José Carlos da Maia e outros, investigações estas que não vêm a publico, para não prejudicar as deligencias, a que se vão proceder.

O sr. dr. Carlos Olavo, secretario geral do governo civil de Lisboa, já se apresentou na sua repartição, tendo estado ausente por motivo de licença.

A noite passada, estiveram na vila de Cascais 12 agentes da P. S. E., por ter constado que um grupo de arruaceiros queria assaltar as residencias de varias individualidades em destaque.

Felizmente nada se passou de anormal, por ter constado que estavam naquela localidade autoridades competentes para evitar qualquer desacato.

Informam-nos que a P. S. E. capturou um individuo de apelido Neves, mais conhecido pelo «Cacholas», operario do Arsenal de Marinha, pesando sobre ele uma acusação muito grave. Guarda-se sobre o caso o maior segredo.

Está definitivamente organizada a direcção da policia de segurança publica, que ficou assim constituida: comissario geral, major sr. Carrão de Oliveira; 2.º comandante, capitão sr. Sousa Guerra; ajudante do corpo, alferes Boavida, e comissarios de divisão, capitão Tribolet, tenente Graça, alferes Lopes Soares e Pio.

Dizia-se com grande insistencia que o sr. dr. Jacinto de Freitas, actual secretario geral do governo civil de Santarem e deputado pela Horta, ia ser nomeado director da policia de investigação.

E' certo ter aceitado o cargo de director da P. S. E. o sr. dr. Barbosa Viana, vogal do tribunal de defesa social, devendo ainda hoje tomar posse do seu lugar.

A proposito duma prisão

Escreveu-nos o sr. Carlos Cruz, filho do sr. Albino da Cruz, para nos dizer que a prisão de seu pai não foi motivada por ter feito a apologia da morte do almirante Machado Santos.

Um protesto do Nucleo Ressurgimento Nacional

Reunida a comissão directiva do nucleo central desta agremiação, resolveu tornar publico o seu indignado protesto contra os atentados pessoais perpetrados durante os ultimos acontecimentos, esperando, para honra do bom nome português, que os autores de tão nefandos crimes sejam punidos com os maiores rigores da lei.

Mais resolveu a mesma comissão apresentar pesames ás familias das vitimas.

Conselho de ministros

O conselho de ministros, que começou ás 14 horas, está ainda reunido á hora de fecharmos o nosso jornal.

O sr. dr. Veiga Simões, ministro dos Estrangeiros, assistiu apenas uma hora á reunião.

Após o conselho de ministros, deve tomar posse o sr. ministro da Agricultura.

Uma entrevista com o capitão sr. Sousa Guerra

O «Diario de Lisboa» publicará ámanhã uma entrevista com o capitão sr. Sousa Guera, ácerca dos ultimos acontecimentos.

O funeral do "chauffeur" Gentil

Hoje, á tarde, realizou-se o funeral do «chauffeur» Gentil, barbaramente assassinado proximo do governo civil. No prestito encorporaram-se muita gente e numerosos automoveis da praça, o que constituiu uma comovedora manifestação de saudade dos colegas do extinto. Fizeram-se representar numerosas associações de classe, com os seus estandartes.

Quando regressará o sr. dr. Afonso Costa?

Consta-nos que o sr. dr. Afonso Costa, enviou a Lisboa um mensageiro, a fim de comunicar em certos meios politicos, a sua intenção de regressar num periodo mais ou menos breve, procedendo, então, á constituição de um gabinete de competencias, saidas das varias correntes de opinião. Esse mensageiro, que chegou precisamente no dia do movimento, assistiu, por mero acaso, á tragedia do Arsenal. Parece que manifestou a alguem a sua convicção de que, perante os acontecimentos, o antigo *leader* do partido democratico prolongará por tempo indeterminado, a sua permanencia em Paris.

O governo visita o sr. Presidente da Republica

A's 16 e 30, terminado o conselho de ministros, dirigiu-se o novo governo a casa do sr. Presidente da Republica, a fim de instar mais uma vez com sua ex.ª para desistir do seu proposito de resignar.

Actribuição de cumprimentos

Foram hoje retribuidos os cumprimentos aos comandantes dos navios de guerra, inglez, francez e espanhol.

Uma ordem aos guardas-marinhas

Foi ordenado que embarquem imediatamente a bordo dos navios a que pertencem, os guardas-marinhas.

Porque não houve ontem espectaculos

Foi o sr. presidente do ministerio quem determinou que ontem não se realisassem espectaculos publicos, em sinal de sentimento pela morte do sr. dr. Antonio Granjo.

Uma carta do sr. Precopio de Freitas

Do capitão-tenente sr. Procopio de Freitas recebemos uma carta que por nos ter chegado ás mãos á hora de fechar o nosso jornal, publicaremos amanhã.

Cumprimentos ao governo

A oficialidade da G. N. R. cumprimentou esta tarde o chefe do governo.

Cunha Leal

ALCAIDE, 25. — O sr. Cunha Leal chegou bem, tendo sido carinhosamente saudado em todo perçurso. — Raul.

Antonio Maria da Silva

Por noticias particulares sabe-se que chegou a Madrid tendo feito a viajem em automovel o sr. Antonio Maria da Silva.

Alfandega de Lisboa

O pessoal maritimo conferenciou com o sr. ministro das Colonias

Uma comissão delegada do pessoal maritimo da Alfandega de Lisboa conferenciou hoje com o sr. ministro das Finanças sobre interesses da classe.

Os ferroviarios do Sul e Sueste pedem a satisfação das suas reclamações

Uma comissão de ferroviarios do Sul e Sueste voltou hoje a conferenciar com o tenente sr. Rosa Mateus sobre o deferimento das reclamações da classe.

SPORT

Centro Nacional de Esgrima

Em virtude de já terem reaberto as aulas de esgrima nesta sala de armas, a direcção resolveu fazer disputar novamente o «Campeonato da Escada de Espada».

A prova inicial realiza-se em 29 do corrente, pelas 19 horas prefixas.

A esta magnifica prova de treno outras se devem seguir, com premios para os 1.os classificados.

DR. ARMANDO NARCISO
Clinica medica
Travessa Nova de S. Domingos, 9 (á Rua do Amparo)

Bolsa de Lisboa

Dia 25

EFECTUADO

Divida Interna Fundada	
Ass. tit. 1.000$00	43.
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Coup. tit. 1.000$00	43.
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Obrigações do Emprestimo de:	
3 0/0 1905	—
4 0/0 1888	—
4 0/0 1890 coup	48.-
4 1/2 1888/89 ass	—
4 1/2 1889 coup	—
5 0/0 1909 coup	—
4 1/2 1912 ouro	185.
5 0/0 1917	—
3 0/0 externas 1.ª série	2?2.
3 0/0 » 2.ª »	—
3 0/0 » 3.ª »	203.
Acções	
Banco Colonial Português (port.	—
Banco Colonial Português (cop.	—
» Comercial de Lisboa	277.
» Economia Portuguesa	—
» Nacional Ultramarino (ass.)	—
» » » (coup.)	230.
» Lisboa & Açores	—
» Portugal	—
» Minho	239.
» Português e Brasileiro	125.
C. G. de Credito P. Português	36.10
Lezirias Tejo e Sado	—
C. N. Navegação	138.
C. Fosf. (coup.)	87.
C. Tabacos Port. (coup.)	252.
Portugal e Colonial	112.80
Cabinda	8.10
Buzi	54.80
Ilha do Principe	208.60
Moçambique	—
Zambezia (antiga	8.55
» (nova	—
Companhia do Boror	87.
Obrigações	
Atravez d'Africa	108.30
Benguela, titulo 1	185.50
Benguela, titulo 5	—
Companhia Nacional, 1.ª serie, coupon.	—
Companhia Nacional, 2.º serie, coupon.	—
Fundos Federais do Brazil	
Emprestimo 5 %, 1914, Funding	—
Emprestimo 5 %, 1903, Porto Rio	—
Companhia de Seguros	
Adamastor	—
Fidelidade	—
Portugal Previdente	—
Probidade	—
Sagres	—
Tagus	—
Mundial	—
União dos Proprietarios	—
Industrial Aliança	—

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	50$	53$
s/Londres cheque	5 1/2	5 1/4
» 90 d. v.	5 5/8	—
Rio s/Londres	8	—
s/ Paris	790	841
s/ Italia	430	445
s/ Belgica	790	825
s/ Suissa	2040	2140
s/ Espanha	1475	1545
s/ Berlim	70	75
s/ Holanda	3780	3965
s/ Nova York	11000	11163
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1/2	—
» » » » Portugal	7 1/2	—
Agio do ouro	900	950

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s/Paris	—
» s/Londres	—
» s/New-York	—
» s/Berlim	—
Paris s/Londres	54,35
» s/Madrid	184
» s/Genebra	256,25
» s/Berlim	8,25
Londres s/Paris	54,255
» s/Roma	109,25
» s/New-York	3,92,25
» s/Berlim	652,50
» Amsterdam	11,55
» s/Genebra	21,265
» s/Belgica	—
» s/Suecia	—
» s/Austria	—

Laboratorios de Famarcia
Instituto Pasteur de Lisboa
Staphylina
Comprimidos de estanho chimicamente puro
Tratamento de todas as doenças devidas ao staphylococco:
Furunculose — Anthraz — purgações antigas, etc.
FARMACIAS
LISBOA — Rua Nova do Almada, 88
PORTO — Rua dos Clerigos, 36